Para (re) pensar a América Latina: a vertente descolonial de Walter D. Mignolo

João Victor Sanches da Matta Machado

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/899>

DOI: 10.4000/espacoeconomia.899

ISSN: 2317-7837

Editora

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

Referência eletrônica

João Victor Sanches da Matta Machado, « Para (re) pensar a América Latina: a vertente descolonial de Walter D. Mignolo », *Espaço e Economia* [Online], 5 | 2014, posto online no dia 05 dezembro 2014, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/899> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.899>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.

Espaço e Economia – Revista brasileira de geografia econômica est mise à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International.

Para (re) pensar a América Latina: a vertente descolonial de Walter D. Mignolo

João Victor Sanches da Matta Machado

REFERÊNCIA

MIGNOLO, Walter D. *La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*, de Walter D. Mignolo. Barcelona: Gedisa (2007 [2005]). Tradução do original em inglês: Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. 241p.

- 1 Debruçar-se sobre o conceito de América Latina requer ampla percepção histórica acerca da constituição das idéias no continente americano. Em *La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*, o argentino Walter Mignolo, um dos mais destacados intelectuais pós-coloniais, adota uma postura crítica em relação a esse tema: do surgimento da palavra *América* até o seu desenvolvimento em *América Latina*, estão em jogo tanto os interesses dos impérios coloniais a fim de preservar e ampliar seus domínios territoriais quanto o das elites locais *criollas*, que ensejavam marcar diferença em relação aos índios e aos afro-americanos apropriando-se do pensamento europeu.
- 2 Fruto da expansão comercial européia e da missão cristã do século XV, a conquista do chamado — a partir de então — Novo Mundo abre uma etapa de imposições culturais sem precedentes: os colonizados foram forçados a absorver os valores europeus e assimilar sua língua, ao passo que os colonizadores pouco ou nada consideraram da cosmovisão dos habitantes locais. A matriz colonial de poder negou brutalmente a percepção dos dominados. Invenção européia, a idéia de *América* trazia consigo a marca da façanha de Vespúcio e, no mesmo movimento, ignorava topônimos locais como *Tawantinsuyu*, *Anáhuac* e *Abya-Yala* que se referiam àquelas terras. Os mapas europeus e a Igreja Católica foram dois dos instrumentos que consolidaram tal matriz. Inútil esclarecer: os “nativos” não tinham qualquer motivo para se reconhecerem da forma

como os cristãos europeus determinaram. Todavia, de uma hora para outra, eles se tornaram *bárbaros, pagãos, incultos*: eis o que nos “informa” o paradigma da *descoberta* da América, narrativa a louvar uma Europa triunfal e vitoriosa. A esta grade analítica Mignolo opõe a *invenção* da América, cujas finalidades são, entre outras, interrogar a epistemologia e a política presentes no pensamento ocidental e, no momento seguinte, explorar as inúmeras versões históricas de corpos e de lugares subalternizados pela colonialidade.

- 3 Recusando a perspectiva histórica linear que enfatiza o caminho para o progresso e assegura a posição de liderança para a Europa, Mignolo não observa a modernidade como um fenômeno apartado do colonialismo, muito pelo contrário. Para ele o sistema-mundo moderno capitalista não pode ser entendido sem a América. Investindo na *heterogeneidade histórico-estrutural* (MIGNOLO, 2007:72-73 [2005]), não se trata, decerto, de negar a relevância da história como ferramenta de compreensão da vida social, mas de recontá-la à luz das experiências, vozes, idiomas e culturas dos colonizados. Estamos falando de *geopolítica do conhecimento*, conceito elaborado pelo autor em sua já clássica obra *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, pensamento liminar e saberes subalternos* (MIGNOLO, 2003 [2000]) e retomado no decorrer das páginas de *La idea de América Latina*. Nesse contexto, Mignolo continua a ter Frantz Fanon como interlocutor privilegiado: destacando o livro *Os condenados da terra* (FANON, 2005 [1961]), os povos do Novo Mundo foram aqueles sofreram a *ferida colonial*, consequência de um regime racista e de um discurso hegemônico que situaram a Europa como único lócus de enunciação e com autoridade suficiente para determinar regras e padrões de história, civilização e conhecimento.
- 4 Dialogando também com Aníbal Quijano, Mignolo grifa a diferença entre o *colonialismo* e a *colonialidade*, a primeira sendo a tomada empírica propriamente dita dos territórios e a segunda a colonização do imaginário e do saber. Esta distinção é importante, pois, após o processo de independência e de formação dos Estados Nacionais na América Latina, a lógica da dominação se reestrutura: substitui-se o colonialismo externo por um interno, pois as elites locais continuam a perpetuar a exclusão dos povos que não se enquadravam no entendimento europeu de civilização. Assim sendo, quando Mignolo aponta a necessidade de descolonizar o pensamento, há que se rejeitar ambos os vocábulos — “América” e “Latina” —, uma vez que seus conteúdos trazem consigo as marcas da Europa, marcas as quais os povos ditos nativos jamais se reconheceram. Ele é taxativo a esse respeito: existirá um “após-América” e um “após-América Latina” (MIGNOLO, 2007 [2005]).
- 5 Questionado em algumas resenhas sobre algumas das posições defendidas em *La idea de América Latina* — sobretudo no que concerne a um suposto privilégio epistêmico dos “condenados” para tratar de assuntos coloniais —, Mignolo procura desfazer esta impressão enfatizando que a perspectiva descolonial é uma *opção à monocultura do saber* ¹ que, indubitavelmente, insiste em manter-se hegemônica no horizonte intelectual (MIGNOLO, 2008). Tal monocultura representa o privilégio do “centro” da produção do saber: a Europa. Seu projeto colonizador instaura uma lógica hierárquica que localiza a si própria no patamar mais alto do desenvolvimento civilizatório e, conseqüentemente, a maior parte do mundo encontra-se em estágio de barbárie. Portanto, caberia à Europa a tarefa de civilizar os povos, contar suas histórias e, se possível, desenvolvê-los... Contudo, através de diversas práticas de opressão cultural, a colonialidade força o povo oprimido à marginalidade, obrigando-o a aceitar a cultura imperialista (FANON, 2005

[1961]). Todavia, é exatamente tal imposição que engendra as condições necessárias para o surgimento do *pensamento fronteiro*, movimento de contestação das relações assimétricas entre o colonizador e o colonizado que visa descentralizar a geopolítica do conhecimento e apresentar uma alternativa aos *condenados*.

- 6 A imagem de uma Europa desenvolvida está ligada à *retórica da modernidade*, cuja representação acabou por ocultar os efeitos da matriz colonial de poder. A partir do século XX, registra Mignolo, os Estados Unidos também passam a integrar tal imagem, o que lhes dotou força suficiente para reproduzir padrões neoliberais convenientes aos interesses político-econômicos do país e de suas empresas. No interior do sistema-mundo moderno, constitui-se a reprodução do domínio econômico, político e social que o centro exerce sobre a periferia. A luta anti-sistêmica, como definida por Immanuel Wallerstein, não ocorre da mesma forma no centro e na periferia. As batalhas sociais no centro são conflitos de classe em que os trabalhadores reivindicam direitos, porém ainda com preceitos sustentados no racismo e na xenofobia que, apesar das conquistas sociais, ainda reproduzem a dominação no sistema mundo. Já os conflitos na periferia teriam em sua constituição elementos anti-imperialistas que, para além das questões econômicas e materialistas, ocorrem em meio a disputas ligadas a direitos étnicos e culturais (WALLERSTEIN, 1974).
- 7 São precisamente estas últimas que chamam a atenção de Mignolo, pois encarnam a possibilidade de contar a história para além das vertentes intelectuais críticas oriundas do mundo “ocidental”. Ao tomar como referências o pensamento de Felipe Guaman Poma de Ayala, Aníbal Quijano e Gloria Anzaldúa, além de aproximar-se do zapatismo, do Fórum Social Mundial e da Universidade Intercultural das Nacionalidades e Povos Indígenas Amawtay Wasi, ou seja, ao contribuir para a emergência de falas e de saberes indígenas, mestiços, femininos, africanos e ameríndios, a opção descolonial imediatamente põe em xeque as quatro ideologias totalitárias da modernidade — cristianismo/conservadorismo, liberalismo, colonialismo e, mesmo, o marxismo, que, embora reconhecidamente emancipatório e crucial na compreensão da trajetória do capital e da exploração do trabalho, é incompatível com a lógica anti-universalista e anti-homogeneizadora proposta por Mignolo (MIGNOLO, 2007:174 [2005]) e outros autores pós-coloniais ². Nem mesmo Edward Said (SAID, 2007 [1978]) escapa de sua perspicácia: segundo Mignolo, ele não conseguiu alcançar que a constatação de um *orientalismo* significa a existência prévia de um *ocidentalismo*, cuja incidência primeira ocorre no Novo Mundo entre os séculos XV e XVIII. Assim, ainda conforme Mignolo, o *orientalismo* dos séculos XIX e XX seria um segundo momento do *ocidentalismo* (MIGNOLO, 2007:59-68 [2005]).
- 8 No posfácio à edição espanhola, Mignolo acompanha com otimismo a ascensão de Evo Morales à presidência da República na Bolívia e suas modificações na estrutura do Estado (idem, pp.213 e 215). Estamos diante de obra com acentuado teor histórico, e é notadamente este aspecto que faz dela farol para o devir. Após ler sua convincente argumentação, não será fácil defender a face *Latina* da *América* em nome de uma união dos povos oprimidos pelos impérios europeus e, recentemente, pelos Estados Unidos. Tanto *latinidade* quanto *América* são assaz estranhas ao projeto de esquerda descolonial confeccionado por Walter Mignolo. Como não lhe dar razão?

BIBLIOGRAFIA

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF (2005 [1961]).

MIGNOLO, Walter D. *La idea de américa latina: la herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa (2005).

MIGNOLO, Walter D. Novas reflexões sobre “Ideia da América Latina”: a direita, a esquerda e a opção descolonial. *Caderno CRH*, v.21, n.53, p. 239-252 (2008).

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso (2007 [1978]).

SANTOS, Boaventura de Souza. A sociologia das ausências e a sociologia das emergências: para uma ecologia dos saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza (org.). *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo (2007).

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez (1996 [1995]).

WALLERSTEIN, Immanuel. The rise and future demise of the world capitalist system: concepts for comparative analysis. *Comparative Studies in Society and History*, volume 16, p.387-415 (1974).

NOTAS

1. Termo utilizado pelo português Boaventura de Sousa Santos para rechaçar o eurocentrismo e seus desdobramentos epistemológicos (SANTOS, 2007).
2. Boaventura de Souza Santos também demarca distância entre seu pensamento e o materialismo histórico-dialético: apontando determinadas fragilidades desta corrente, ela acaba sendo parte do problema mais que da solução quando da emergência da pós-modernidade (SANTOS, 1996 [1995]).

AUTOR

JOÃO VICTOR SANCHES DA MATTA MACHADO

Estudante de graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, bolsista PIBIC/CNPQ. Resenha escrita no âmbito do projeto de investigação *A geografia como geopolítica do conhecimento: diálogos pós-coloniais*, sob orientação do professor Guilherme Ribeiro (LAPEHGE/UFRRJ).